

**A relação humano-divina e o papel da ironia em Kierkegaard, Dostoievski  
e Camus: Uma reflexão comparativa.**

Matheus de Oliveira Marquioli

## **Abstract**

This article aims to understand the views of three prominent figures in existential literature and philosophy: Albert Camus, Søren Kierkegaard, and Fyodor Dostoevsky. The analysis focuses on exploring and explaining fundamental concepts of their philosophies, such as morality, the meaning of life, and the relationship with the divine, in order to establish a dialogue among these three authors. The underlying thread connecting these thinkers is the Socratic figure of speech, irony. Through the examination of contradictions and ironic elements present in their works, the article highlights the significance of irony as a central core in their ideas, encompassing both academic discourse and the realms of literature and symbolism. The comparative method employed goes beyond contrasts, also emphasizing points of contact between the ideas expressed through the stages of existence and the personalities of the protagonists in their novels. The initial sections for each author introduce the basic concepts for general understanding. Subsequently, the main ideas are explored through analysis of their masterpieces, leading to a comparative dialogue among them. Contrasts involve the perspectives embodied by characters like Alyosha Karamazov, Meursault, and Zosima, showcasing the authors' opinions, reflecting the zeitgeist, and highlighting their divergences, ultimately providing a comprehensive view of how they influenced and criticized each other within the philosophical tradition.

## Resumo

O presente artigo tem como objetivo compreender a visão de três grandes nomes da literatura e filosofia existencial: Albert Camus, Soren Kierkegaard e Fiodor Dostoievski. A análise se concentra em explorar e explicar conceitos fundamentais de suas filosofias, como moralidade, sentido da vida e relação com o divino, a fim de estabelecer um diálogo entre os três autores. A espinha dorsal que conecta esses pensadores é a figura de linguagem socrática da ironia. Por meio das contradições e elementos irônicos presentes em suas obras, o artigo busca evidenciar a importância da ironia como núcleo central de suas ideias, tanto no âmbito acadêmico quanto na literatura e simbologia. O método de comparação adotado não se restringe apenas a contrastes, mas também destaca os pontos de contato entre as ideias expressas por meio dos estágios de existência e das personalidades dos protagonistas dos romances. A primeira parte de cada autor introduzirá as noções básicas para familiarização geral. Em seguida, serão exploradas as principais ideias defendidas por meio de algumas de suas obras-primas, culminando em um diálogo comparativo entre eles. Os contrastes envolvem as posturas manifestadas por personagens como Aliócha Karamazov, Meursault e Zósima, revelando suas opiniões enquanto representações dos autores, retratando a época em que viviam e identificando as divergências entre eles, a fim de fornecer uma visão abrangente de como se influenciaram e criticaram em relação à tradição filosófica.

## 1. Introdução

Começo esta dissertação com a que talvez seja a pergunta mais repetida e refletida do pensamento humano: O que é a vida? Talvez alguns possam encontrar suas respostas nas ciências biológicas, no trabalho, no seu núcleo familiar ou em templos religiosos. E entre tantas possibilidades e portas de saída, eis que irei responder tal questão pelo teto: observando e comparando o olhar de três grandes mentes dos séculos passados: Soren Kierkegaard, Fiodor Dostoievski e Albert Camus.

O dinamarquês, o russo e o franco-argelino. Três autores que fizeram da sua obra uma reflexão existencial e muitas vezes até biográfica entre o drama e a filosofia. Certamente para quem os conhece, é notável que chegaram a conclusões diferentes (justamente por se utilizarem de caminhos diferentes) entretanto, mais do que as diferenças, é possível notar que algo os unia: o ímpeto humano e a sede do não se contentar, do buscar sentido, do dar sentido, do viver sem sentido. Os primeiros passos dados no desenvolvimento do existencialismo e absurdismo foram feitos não por intelectuais de renome acadêmico de escrita sistemática e racionalista, mas por almas sofredoras que encontraram na escrita literária uma forma de expressar seus pensamentos, que encontraram no conforto dos personagens a liberdade para dizer o que havia preso na garganta. Com essa ousadia tomada por eles, mudou-se a forma de ver a filosofia, se tornando uma ponte de diálogo com o cidadão comum, saindo dos *a priori* e entrando nas questões viscerais da existência, podendo ser percebido essa popularidade principalmente após a guerra que assolou a Europa. A filosofia desce de seu pilar de marfim e por meio de narrativas, histórias e romances adentra na casa do trabalhador mais simples, tornando possível ao grande público o ousar e se inventar quanto à existência.

Tendo todas essas informações em mente, podemos nos debruçar agora sobre a busca de sentido (e a sua superação).

## 2. O Sócrates cristão

Na cidade de Copenhague, no ano de 1841, os primeiros passos da nossa reflexão são tomados: O jovem Soren Kierkegaard obtém seu título de *magister* com sua tese denominada de “O conceito de ironia”. A partir da história de Sócrates e da análise dos textos daqueles que tentaram manter seu espírito conservado na memória (como Platão e Xenofonte), Kierkegaard destrincha a ideia da ironia e todo o enigma atrás dessa poderosa arma de linguagem. O método do ateniense é tido como negativo, na medida em que não é usado para desenvolver positivamente o seu sistema, mas sim confrontar seu adversário retórico e induzir nele a maiêutica, ou seja, realizar o parto das ideias, não como alguém que despeja conteúdo num balde vazio, mas resgatando a reminiscência da alma. E a obra kierkegaardiana montada em cima da ideia da ironia é de suma importância pois o dinamarquês se apoia nela durante a sua construção de “personagens”. Kierkegaard se coloca como alguém que utiliza da ironia, (e de certa ótica do “engano”) a serviço da verdade, como um meio de extrair a reminiscência que a “cristandade” havia tirado do cristianismo. As personas

construídas por ele poderiam ser facilmente encontradas nas ruas de sua cidade natal: Pastores Hegelianos, Estetas conquistadores e galanteadores, irracionaisistas se opondo ao “Absoluto” racional e até mesmo um juiz que encontra sua satisfação em seu casamento. Figuras comuns que apresentam uma gama de pessoas típicas na vida dos seus contemporâneos. Por meio da voz destes personagens, Kierkegaard aponta para o seio da sociedade e dispara. Tal qual a Apologia a Sócrates condenando os atenienses por matarem um sábio, o pensador danês denuncia os males daqueles que mataram a fé. As formas e estruturas escolhidas variam: os aforismos de *Diapsalmata*, a conversa entre amigos de *In Vino Veritas* ou a estrutura religiosa dos sermões dos seus famosos *Discursos Edificantes*. Rompendo com o teor acadêmico e retomando a ordem platônica, seus pseudônimos foram a melhor forma de fazer com que Soren Kierkegaard dissesse tudo sem falar nada.

Agora que a noção do cenário já foi construída chegamos ao ponto alto do pensamento do autor com suas duas obras de mais destaque: *O conceito de Angústia* e *A Doença para a Morte*. Nessa fase, utilizando-se da recém (e ainda não muito) estruturada psicologia, sob o nome de Virgilius Haufniensis, o conceito de angústia é elaborado enquanto fruto da condição básica do ser humano: A liberdade. O ser humano (e aqui ele toma Adão como representante de todo o gênero) se encontra diante não só das possibilidades de opções que lhe aparecem, mas também da própria possibilidade de possibilidade, sendo assim, o que é chamado de angústia é definido como o duplo movimento da liberdade. Essa investigação psicológica da angústia acaba por preparar o terreno para Anticlimacus entrar em cena em *A Doença para a Morte*, tratando da relação entre o indivíduo e sua liberdade, determinando o ser humano como a síntese da necessidade com a possibilidade (isto é, livre em suas escolhas enquanto possibilidade, mas ligado à necessidade por suas próprias limitações físico-biológicas), neste caso, o Eu: um fruto desta relação e ao mesmo tempo a própria relação. Ele entra como um terceiro termo na síntese e fruto da postura correta do indivíduo em relação às suas condições já citadas. O Eu se torna um *si-mesmo* na medida em que a sua infinitude e finitude se relacionam da maneira certa, tanto na relação para com si, para com o outro e para com Deus. Estes tratados possuem uma escrita mais técnica e acadêmica se comparada a obras como *Temor e Tremor* e os já citados *Discursos Edificantes*, o que evidencia que foram de fato escritos com objetivo tanto de estruturar a filosofia kierkegaardiana quanto se destinar a um público mais instruído. Porém, a irreverência de seu escrito inaugural (que inclusive fora considerado informal demais para uma tese) e de outros diálogos subsequentes nos tomos de *Ou-Ou: Um fragmento de vida* foram o suficiente para consagrar o método irreverente de escrita que permeou outros existencialistas, tanto quanto à forma quanto às críticas acidas e o sarcasmo sempre presente.

## **2.1 O Eu e o salto da fé**

O próximo passo de nossa investigação consiste na elaboração das ideias de Kierkegaard quanto ao sentido da vida e seu ponto central: O salto da fé. Citado de maneira mais enfática em *Temor e Tremor*, tal conceito é uma total

confiança no absurdo. O indivíduo que se encontra diante de um mundo que o cerca de angústia devido à sua liberdade e que muitas vezes pode não fazer sentido, tal qual o pedido divino feito a Abraão de sacrificar seu único filho, a saída é a mesma do patriarca; abraçar a fé, confiar de que existe um motivo, e que mesmo que não exista, a vontade divina permanece, já que “contra Deus, sempre estamos errados”. O Eu nasce então da rejeição do desespero e do salto da fé por meio da suspensão teleológica. O sujeito se desprende das ideias que residiam desde os períodos clássicos até Hegel de que há um telos, uma causa final, e utiliza a vontade divina como seu Norte, ao invés de uma natureza inata humana/racional. Da mesma forma que no caso de Abraão ocorre uma suspensão do telos ético, o convite de tornar-se um Eu é um chamado à suspensão do telos ontológicos. Não há uma causa final geral e como o dinamarquês disse, “Não se julga o gado”. A única entidade real a se relacionar com o absurdo e com o divino é o Eu, o indivíduo de modo subjetivo. Diferente das demais categorias e espécies, o ser humano seria o único cujo singular supera o gênero, de modo que o sentido se manifesta de maneira única e específica a cada um, o sentido seria a relação do eu com Deus e o envolvimento com o paradoxo, que é capaz de revelar a Verdade. Se Sócrates dizia que só sabia que nada sabia (e nisso tinha razão), após a revelação divina, com Aquele que diz “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” já não se pode dizer que não conhece alguma coisa.

Porém, ao mesmo tempo em que esta verdade escolheu se manifestar aos homens, ao fazer isso se estabelece o paradoxo: como pode o infinito encarnar no tempo? Aquele que é eterno nascer? A resolução desse problema só se resolve com a fé. Este salto é uma ação tanto de confiança para com Deus quanto um reconhecimento humilde das limitações humanas. Em oposição à máxima de que tudo que é real é racional, a ideia de que algo transcenda a razão humana reconhece que o paradoxo e o absurdo andam lado a lado, Kierkegaard não acredita em Deus porque pode compreendê-lo, mas justamente por não o fazê-lo é que acredita, já que o Absoluto seria incognoscível a um ser de dimensão finita como nós o somos. O desprendimento do homem da ambição de tudo compreender e tudo abstrair da realidade e da razão seria o pavimento do caminho para o destino da vida, ao superar isso, o indivíduo chegaria ao final de seu salto caindo nos braços de Cristo ao lançar fora todo desespero e finalmente herdar o que lhe foi ofertado pela Graça: o infinito.

### **3.O escritor moscovita**

Talvez poucos autores tenham tamanha complexidade e influência semelhantes a Fiodor Dostoievski. O autor se utilizou da literatura como arma para a psicologia e antropologia da época, penetrando não apenas nas camadas da sociedade como em *Uma Criatura Dócil*, mas também nas estranhas da alma com *Crime e Castigo* e *Os Irmãos Karamazov*. Sua obra se espalhou pela Europa cativando pensadores como Freud, Einstein e até o próprio Nietzsche (sendo que este último o chamou de “o único psicólogo de quem tenho algo a aprender.”).

O trabalho de Fiodor também cultivou sementes na filosofia sendo muitas vezes referenciado (junto com o já citado Kierkegaard) como o pai do existencialismo. Embora não se trate de uma elaboração sistemática, Dostoievski resgata o espírito dos antigos filósofos e foca na espinha dorsal do pensamento filosófico: as questões. Questionamentos acerca da natureza da existência, da moral, de Deus e a relação desses elementos com o Estado, a sociedade e o indivíduo. Tendo em vista todos os elementos aqui citados, se torna clara a sua importância na esfera desta dissertação, enquanto um “filósofo heterodoxo” na sua construção textual e provocador da sociedade, trazendo problemáticas já vistas aqui como a institucionalização da religião em relação com o Estado e o problema da moral divina.

### **3.1 O Idiota enquanto cristão irônico**

O romance *O Idiota* talvez seja a obra mais autobiográfica de Dostoievski: Um príncipe que sofre de ataques epiléticos (condição que afligia o autor) mas que mantém um princípio de inocência descomunal. A trama se inicia num trem, com o Príncipe Míchkin voltando da Suíça, onde estivera tratando sua condição médica, e dialogando com dois senhores, onde fica claro ao leitor a inocência e humanismo dele em comparação a malícia dos seus interlocutores.

Percebe-se aqui o elemento da ironia: utilizando-se de um príncipe, Fiodor tece suas críticas à ordem social vigente, uma figura que supostamente deveria ser um símbolo aristocrático acaba por ser um príncipe sem posses, sem terras, uma autoridade de coisa alguma. Além disso vemos que por mais que possua quase que como dom instintivo a capacidade de compreender a índole daqueles que o cercam, algo não esperado de alguém construído como ingênuo como ele. Não satisfeito, há ainda uma segunda camada de ironia, porque embora perceba a índole dos maliciosos soviéticos, ele não faz questão de julgá-los ou repreende-los. Com isso vemos Míchkin pintado como um Cristo, porém muito mais cômico, mesclado com o louco Dom Quixote. Um personagem que baseia suas relações interpessoais numa caridade sobrenatural e num flamejar espirituoso da alma acaba por exercer o kierkegaardiano escândalo do amor. Suas ações chocam aqueles que a veem justamente por não se parecer com a postura cotidiana de um ser humano. Míchkin é iluminado por uma luz diferente, o “*tu debes amar*” se manifesta nas páginas onde vez após outra ele permanece no amor.

Além disso novamente se percebe os valores irônicos comuns ao danês anteriormente citado da cristandade como assassina do cristianismo. O príncipe, próximo ao final da obra, determina a igreja como a originadora do ateísmo: em sua ânsia por poder, almejando um governo mundial, acabou por não ser uma continuidade dos apóstolos, mas do império romano. As autoridades mergulharam num materialismo que se assenta ao trono, pega a espada na mão e pratica o espólio não só físico (acumulando riquezas) mas também o espiritual (manipulando a fé, pisando na sincera devoção dos crentes). Assim, ironicamente, a igreja acaba por pregar o anticristo, a subversão de todos os

valores originalmente cristãos e em suas mentiras e impotência espiritual, gera o ateísmo.

No entanto, há esperança. A construção do universo ideológico e cosmovisão de Dostoievski consiste no elemento já citado anteriormente: a fé. Em contraposição a um cru racionalismo que permeava o meio ateu da Europa ocidental que o russo percebeu em suas viagens, o elemento da fé serve de base para crer que o povo russo superaria isso, que valeria a pena ser bom, que existe um vazio do tamanho de Deus dentro do homem que deve ser preenchido e que o amor permanece.

### **3.2 Os Irmãos Karamazov: A moral divina e os estádios de existência**

No que tange o campo da filosofia moral, o desenvolvimento da ideia de que se não há um deus tudo é permitido aparece como o núcleo de *Os Irmãos Karamazov* principalmente na figura de Ivan, novamente uma caricatura do niilismo europeu que abraçava a ausência de valores morais. Ao transmitir esta ideia, ele influencia o criado de sua família que assassina Fiodor, o seu pai, o que o faz delirar em loucura num sonho/alucinação com o diabo. Nesse contexto, Dostoievski clama a necessidade que uma norma universal tem de possuir um legislador, já que sem Deus, os homens não seriam pecadores e sim famintos. Sem o elemento divino o que resta ao ser humano é a pura necessidade animal, sendo nossa natureza bestial livre de juízos de valor.

Em contraposição temos talvez um dos mais polêmicos acontecimentos do antigo testamento: A pedido de Deus, Abraão leva Isaque, seu filho, para o monte onde será sacrificado. Ironicamente este homem rompe com a ética em prol da fé. A premissa de que sem Deus não há moral implica que Ele seja o delimitador da mesma e levado às últimas consequências, a ética estaria subordinada à vontade divina. Como o pensador dinamarquês assim concluiu, contra Deus estamos sempre errados.

O ético nesse caso aparece nos dois autores de forma distinta e até contrária e ao mesmo tempo interligadas, mais uma vez sendo elemento irônico. Pode-se dizer que há algo de *ordinatio voluntatis* em suas posições, já que a condição necessária para a moral seria Deus. Porém enquanto Kierkegaard segue uma postura diretamente volitiva com o exemplo abraâmico de obedecer à máxima divina mesmo que isso seja “loucura” (ação que é chamada de suspensão teleológica) baseado num salto de fé de acreditar que Deus será condizente com Suas palavras (neste exemplo, Abraão se prepara para sacrificar Isaque mesmo com Deus lhe contando que aquele seria o filho da promessa, ação aparentemente contraditória), Dostoievski por sua parte não parece chegar a esse extremo e coloca a condição divina como definidor da moral baseado no Bem, sendo que só existe uma moralidade objetiva se houver de fato um sumo bem que se manifeste no mundo.

Ambos fundamentam que o certo, o moral, é a obediência a Deus, mas o que Kierkegaard faz ao criticar o ético é subverter o comum. O comportamento ético é aquele que ao receber de Deus a ordem de oferecer o filho, viraria as

costas (afinal, é um absurdo) porém o cavaleiro da fé acata todas as ordens em seu coração. Se por um lado o russo defende que sem Deus, tudo é permitido, o dinamarquês conclui que por Deus “tudo é permitido”.

É importante salientar para que não se crie uma impressão equivocada de que Kierkegaard apoiaria sair matando pessoas em nome de Deus (atitude da religião institucionalizada a qual ele tanto criticava), inclusive ressaltando isso em *Temor e Tremor*, dizendo que uma falta de reflexão acerca do tema levaria um ouvinte deste sermão a, quando chegar em casa, também oferecer seu filho. A moral do amor, o dever do “Tu deves amar o próximo” se sustenta enquanto base para toda a ação, o verdadeiro intuito da provocação de Soren com a imagem do patriarca era explicar o título que lhe foi confiado: De pai da fé. Como já citado, foi revelado a Abraão que Isaque seria o filho da promessa (aquele que faria sua descendência bendita entre as nações), portanto o ato de obedecer reside na fé não só enquanto suspensão teleológica, mas como aceitação do paradoxo, de que as ações opostas ainda resultariam na fidelidade divina, uma aceitação de fato da ironia como modo de vida.

Trazendo tal ponto de vista até a obra *Os Irmãos Karamazov*, percebemos uma imensa semelhança entre os familiares que dão título ao livro e a teoria dos estádios de existência de Kierkegaard. Temos três irmãos: Dimitri, Ivan e Aliócha. Os três possuem características que os destacam e que dialogam com as condições existenciais apresentadas na obra do danês como um todo, sendo elas o estágio estético, o estado ético e o estado religioso. Dimitri é o mais sanguíneo dos irmãos, o mais voltado às paixões, mulheres, bebidas e ao hedonismo, por conta disso a imagem que ele cria de si acaba fazendo dele o bode expiatório perfeito para o assassinato de seu pai. Podemos relacionar Dimitri com o homem estético, o homem conquistador que sente o prazer na sedução. Veja, o prazer dele não reside na consumação de atos carnis propriamente, mas sim no seduzir, no conquistar, em cativar o coração só para netão ir atrás de um novo alvo. Tal qual as paixões humanas que nunca se satisfazem, assim é o homem que vive de acordo com elas e assim era Dimitri. Porém, no curso da vida do homem, este se depara com a questão da morte, e as paixões se refreiam diante da questão “será que estou vivendo da maneira correta?”. Com esse pensamento surge Ivan e também o estágio ético: Ivan é um representante da mente, do intelecto, do conhecimento. Diferente de seu bestial irmão, sua postura é calma, centrada, argumentativa, digna de um acadêmico. Tal qual ele, temos a figura do homem casado representando o segundo estágio, já que, diferente do conquistador, o homem ético busca o valor por trás de suas ações, ele se conforma com as normas sociais, com os “bons costumes” de sua época e tudo o que tem a fama de refinado, estruturado, moral (podendo fazer aqui o paralelo da moral niilista de Ivan e o posicionamento hegeliano religioso da época de Kierkegaard). As ações de Ivan acabam sendo mesmo que indiretamente causadoras da morte de seu pai, nesse caso, vemos o quadro simbólico de que a “técnica”, o “racionalismo” mata a moral. O homem baseado em seus sentidos (porém de maneira empírico-investigativa, diferente do estético que os usava como maneira de satisfação das paixões) acaba por limitar a realidade e os aspectos da vida humana a um sistema, uma fórmula,

apenas um pequeno grão no mundo vasto, tirando o peso das ações e o jogando no abismo. Por fim, temos Aliócha, o irmão mais espiritual, membro de uma ordem monástica e dedicado às coisas do alto. O caçula dos Karamazov é o homem em seu estágio religioso: espiritual e espirituoso, dedicado ao amor e a caridade não apenas como ação que lhe agrada o ego, mas com o dever do amor gravado em seu coração, ajudando por exemplo o garoto Iliúchka ou se preocupando com seu pai (mesmo este sendo um homem detestável). Aliócha é o homem que aprendeu a depositar sua fé no alto, que aprendeu a não alçar voos que não pode, que a razão humana é limitada diante da imensidão da vida e de Deus, tal qual o homem religioso. Ele também representa a redenção, elevando o nome Karamazov, antes sujo pelo seu pai, pelos lábios do jovem Kólia que exclama “Viva Karamazov! ”, mostrando que o espírito contrito torna possível o perdão e a elevação do pecador.

#### **4.O absurdo Argelino**

Albert Camus, o filósofo do absurdo, destoa dos autores aqui citados, que, embora diferentes, possuíam um mesmo alicerce em sua fé. Influenciado grandemente por Kierkegaard, Camus segue um rumo diferente ao negar o salto da fé, classificando-o como um "suicídio filosófico". Para Camus, a resposta diante do absurdo é a revolta, que representa a relação entre a busca de sentido do ser humano e a ausência de sentido, ou, no mínimo, a incapacidade racional de captá-lo. O homem revoltado aprende a viver ironicamente, usando a própria falta de sentido como sentido, já que a própria vida é suficiente.

As obras de Camus mantêm a estrutura literária, apresentando conceitos explicados por meio de romances que retratam cenários históricos e refletem sobre a existência. Destaca-se, entre elas, a mais famosa: *O Mito de Sísifo*. Nessa obra, o autor utiliza o mito grego e reflexões sobre o pensamento filosófico anterior para pintar um Sísifo feliz, apesar de sua maldição. Outra obra de extrema importância é *A Peste*, que por meio de uma cidade fictícia atingida por uma misteriosa doença faz referência a um momento histórico contemporâneo a Camus: a invasão nazista a Paris. Além disso, traz reflexões sobre a efemeridade e leviandade com que as massas costumam levar a vida.

É necessário ressaltar que Camus compartilhou a época e o lugar com Jean-Paul Sartre, outro reconhecido filósofo do existencialismo. Eles tiveram diálogos e conflitos, principalmente por questões políticas, uma vez que Sartre adotava preceitos marxistas, enquanto Camus tratava a revolução com extrema desconfiança. Essas discussões resultaram no livro *O Homem Revoltado*, no qual o autor argelino reflete desde a revolução francesa até a revolução russa, destacando que a rebelião a qual ele se referia em seus escritos era contrária à revolução, pois a segunda seria uma subversão da primeira. O irônico também se manifesta no livro, com a revolução renegando o movimento inicial da rebelião por aspirações totalitárias. Ou seja, houve uma perversão dos valores utilizados na propaganda revolucionária em prol de benefícios e vantagens egoísticas e ditatoriais.

Com esse conhecimento sobre o autor, podemos compreender a dimensão de sua obra e como ela dialoga com os autores anteriores, permitindo elaborar contrastes de ideias produtivos, que serão expostos a seguir.

#### **4.1 A montanha contra o precipício**

O mito de Sísifo é um dos mais conhecidos da mitologia grega. Após delatar Zeus, enganar a morte e fugir do mundo dos mortos, o rei Sísifo é punido pelos próprios deuses com um castigo de significado capaz de enlouquecer. Sua pena consiste em levar uma pedra extremamente pesada montanha acima, apenas para vê-la rolar de volta ao início quando chega ao topo. Assim, ele é condenado a um trabalho incessante sem propósito, no qual todo o esforço não leva a nenhuma mudança.

Sísifo é tomado como alegoria para o indivíduo em situação existencial. Na busca por um sentido naquilo que não o tem, o sujeito acaba afundando-se ainda mais e remoendo seu sofrimento. Seria necessário imaginar Sísifo feliz, um Sísifo que se contenta com o trabalho, onde a luta em si já é suficiente para dar sentido. Nesse caso, o contraste com os pensadores anteriores fica claro. Seja em relação aos clássicos, que se debruçavam na investigação racional em busca da Verdade universal e acreditavam, por meio da razão, definir um telos para o ser humano, seja em relação ao movimento iniciado por Soren Kierkegaard e elaborado posteriormente por Gabriel Marcel, que cunhou o termo "existencialismo" ao procurar um sentido que residiria no absurdo, na falta de cognoscibilidade da mente humana acerca da vida em sua completude. Isso ocorre porque tanto Kierkegaard quanto Marcel eram cristãos e suas ideias resultavam na aceitação da fé.

A proposta de Sísifo nega o telos e a divindade, ou pelo menos a relação humana com ela, e estabelece como condição necessária para se viver apenas a vida em si. Para Camus, a montanha de Sísifo descarta a necessidade do precipício da fé, pois o sentido da vida é a imanência, e apenas ela já basta. A transcendência, o lançar-se ao absurdo na fé, seria, na verdade, um salto para a morte intelectual, o que ele chama de "suicídio filosófico", e não uma saída para o problema do absurdo.

A rejeição ao precipício da fé, no entanto, não mergulha Camus num estádio estético, muito pelo contrário, tendo em vista que esse modo de vida também foi criticado pelo autor. Pessoas que vivem apenas andando pelas ruas correndo para seu próximo compromisso, tentando juntar dinheiro para que no fim acabem ou morrendo, ou ficando doentes ou ocupados demais para usufruir do fruto de seu trabalho. Esse retrato de sua época segue vivo até os dias de hoje e novamente reproduz o irônico, já que o objetivo dessa vida que seriam os bens materiais, riqueza, luxo são negados justamente na busca da condição de realiza-lo. A pessoa que se entrega ao trabalho sem fim, a constante pressa e aos prazeres baratos (não no sentido monetário, mais qualitativo) tentando buscar qualidade de vida e significado é como um homem que vende seu carro para comprar a gasolina, é a mais irônica das criaturas e a mais lamentável delas. Dentro desta visão, o sofrimento e vazio humano estaria nesse "tentar

preencher” o vazio de modo materialista, não por ser materialista, mas sim por tentar preencher esse vazio. Enquanto Sísifo continuar tentando preencher o vazio de sua tarefa, encontrar um sentido, ele estará atolando ainda mais no desespero que só será desfeito quando o próprio curso de seu empenho for o significado de sua existência. Quando passamos a dar valor a nossa vida, e não tentar atribuir valor a ela por outros meios é que começamos de fato a imaginar um Sísifo feliz.

## 4.2 Sísifo, o obstinado

Seria então esse o fim do existencialismo kierkegaardiano? O que o dinamarquês teria a dizer se pudesse presenciar o nascimento da filosofia de Camus? Em certo sentido, ele já o fez. Em seu famoso tratado *A Doença para a morte* Kierkegaard investiga o desespero e as suas formas. Uma delas é justamente “desesperadamente querer ser si-mesmo” ou obstinação, nome dado quando o indivíduo deseja ser si-mesmo como um modo de revolta mediante o desespero. Quanto mais consciência há de si mesmo, mais o desespero se intensifica e nesse sentido, o obstinado tem uma consciência de si mesmo que intensifica seu sofrimento, ele está muito próximo da verdade, mas justamente por isso, está infinitamente distante dela como explanado no trecho:

Um si-mesmo que desesperadamente quer ser si mesmo se lamenta por uma ou outra aflição que não se deixa ser tirada ou separada do seu si-mesmo concreto. Então ele lança toda a sua paixão justamente sobre esse tormento, que finalmente se torna uma ira demoníaca. E se agora acontecesse que até mesmo Deus no céu e todos os anjos lhe oferecessem ajuda para livrar-se disso, não, agora ele não quer, agora é tarde demais, há algum tempo ele teria alegremente dado tudo para ser liberto desse tormento, mas ele ficou esperando, e agora não adianta mais, agora, agora ele prefere se irar contra tudo e ser a vítima do mundo inteiro, da existência, e é muito importante para ele estar bem atento ao fato de que tem o seu tormento na mão e que ninguém o tira dele – pois de outro modo ele não conseguiria demonstrar e provar a si mesmo que tem razão. (KIERKEGAARD, 2022, p110 )

Por acidente o tratado do desespero humano acaba por prever os movimentos que o absurdismo tomaria enquanto revolta contra “Deus e o mundo” de modo obstinado tomando seu sofrimento como algo seu. Talvez o orgulho humano ou o medo de saltar no escuro faça com que Sísifo se agarre firmemente a sua pedra de modo que mesmo se Perséfone voltasse para ajudá-lo, ele a rejeitaria de modo veemente. E esse é o elemento irônico do Absurdismo: enquanto desesperado, o ser humano prefere mergulhar no desespero do que mergulhar na fé, o orgulho obstinado de querer superar a sua condição acaba por enterrar sua alma de maneira definitiva, tão perto mas ao mesmo tempo tão longe de seu alívio.

## 4.3 Zósima encara o Absurdo

Olhando novamente pela perspectiva de *Os Irmãos Karamazov*, o suicídio recebe outro significado. Zósima era o líder da ordem monástica da qual Aliócha fazia parte e é responsável por diversos desenvolvimentos de pensamento no decorrer da história em suas conversas com o jovem Karamazov. O extrato de suas conversações e doutrinas foram registrados após a sua morte e

reproduzem uma crítica veemente ao estilo de vida adota pela sociedade. Zósima fala do suicídio espiritual causado pela solidão e a falsa liberdade estimulada pelo mundo, uma liberdade estética que se baseia apenas naquilo que me rodeia diretamente, no que eu posso interagir com meus sentidos. Essa postura acaba por cultivar um mero agrado que acarreta em vícios e ilusão, é o irônico manifestado mais uma vez onde o homem achando que é livre acaba por escravizar-se. Nas palavras de Zósima:

“Bem diferente é o caminho do religioso. Zombam da obediência, do jejum, da oração, entretanto é a única via que conduz à verdadeira liberdade; suprimo as necessidades supérfluas, domo e flagelo pela obediência minha vontade egoísta e orgulhosa, chego assim, com a ajuda de Deus, à liberdade do espírito e com ela à alegria espiritual! Qual dentre eles é mais capaz de exaltar uma grande ideia, de pôr-se a seu serviço, o rico isolado ou o religioso liberto da tirania dos hábitos? ”  
(DOSTOIEVSKI, 1970, p 326)

Zósima (e o livro como um todo) estabelecem a relação de significado da vida de modo distinto do apresentado em Camus, o qual podemos tomar aqui como exemplo a figura de Meursault como comparativo: No romance *O Estrangeiro* temos a inserção de Meursault como narrador de suas desventuras que começam após a morte de sua idosa mãe, no qual ele pouco demonstra alguma emoção esperada no velório e no dia seguinte se dedica a atividade como se encontrar com uma dama e assistir uma comédia. Sua postura quase sempre vaga numa apatia existencial, significativa e pode-se dizer até moral baseada nas suas ações questionáveis que o levaram a prisão e a condenação à pena de morte, fato esse que ao final, descreve que estava de fato pronto para reviver tudo, que ninguém tinha o direito de chorar pela sua mãe tendo em vista que ela sentiu o mesmo, a vida autêntica e sem arrependimento para ele era a consumação da autenticidade.

Neste caso o contraste é ainda mais claro entre ambos os autores, já que a apatia de Meursault e sua obstinação amoral se contrapõe diretamente ao amor caritativo e preocupação para com o estado das coisas que Zósima expressa. Os dois, ao refletir acerca da morte, direcionam suas mentes para aquilo que estiveram preocupados e deram valor, a introspecção de Meursault que se volta para dentro e ao morrer reflete acerca de sua própria existência, sua vida, sua morte e o que isso significa para ele, enquanto a fraternidade ideal pregada pelo cristianismo de Zósima o leva a refletir em sua senilidade no estado do mundo, sua preocupação o faz querer ensinar os mais jovens e transmitir o seu valor, demonstrando que o sentimento de vazio absurdo que assolava a Europa intelectualmente não era capaz de deter a espiritualidade russa bem alicerçada não num eu fechado para si mas justamente no próximo.

## **5. Conclusão**

Diante destas reflexões, é possível perceber a dimensão, originalidade e por que não genialidade destes autores em suas elaborações. Tais pensamentos continuam vivos nos dias de hoje e foram responsáveis por revolucionar suas áreas de estudo, desde o foco no indivíduo o ente indecifrável em sua totalidade que Kierkegaard gerou, influenciando filósofos posteriores que nem mesmo

compartilhavam de sua posição como Foucault, Sartre e o próprio Camus até a revolução artística e psicológica que Dostoievski provocou sendo influente em diversos campos chegando a Freud no seu complexo de Édipo e a clara relação com a morte de Fiodor Karamazov e no campo da arte da literatura com Kafka sendo um admirador devoto do autor russo. Camus não fica muito atrás sendo influente principalmente na cultura popular e alcançando até mesmo solo brasileiro, com Caetano Veloso sendo um artista abertamente influenciado pela sua obra.

Estes homens, diferenciados em caminhos, mas unidos em propósito acabaram por trazer a filosofia ao campo do informal, a ironia de haver um saber extremamente profundo e reflexivo sem uma sistematização teórica de rigor acadêmico permite que o homem moderno, agora mais alfabetizado e muitas vezes voltado a novelas e romances como um lazer e relaxamento, encontre seu espaço no diálogo filosófico e no dilema existencial. Até hoje, mesmo no cidadão “da massa” acaba seguindo mesmo que não saiba nominalmente o nome daqueles que fundamentaram termos que ele usa cotidianamente como “crise existencial”, perguntas como “o que é a vida?” e cantando músicas como “Não creio em mais nada”.

E nesse quesito, o irônico se manifesta até mesmo aqui meu leitor, onde por tentar demonstrar a atualidade dos pensadores aqui citados, acabo por ser canal para que isto ocorra. Enquanto houverem pessoas dispostas a divulgar e mais do que isso a se questionar e buscar respostas para o dilema da vida, o legado daqueles que ousaram e tentaram responder irá permanecer vivo. As ideias de Kierkegaard quanto a irracionalidade da vida, o abraço obstinado a essa irracionalidade como o próprio sentido de Camus e a firmeza moral e espiritual de Dostoievski se consagram até hoje como indispensáveis para qualquer um que se empenhe em tentar resolver a grande questão já feita no início e que volto a repetir: “O que é a vida?”.

## **Bibliografia**

Camus, Albert. 1979. O Estrageiro (RJ: Record)

———. 2019. O Mito de Sísifo (RJ: Record)

Dostoievski, Fiodor. 2013. Os irmãos Karamazov (SP: EDITORA MARTIN CLARET LTDA)

———. 2015. O Idiota (SP: EDITORA MARTIN CLARET LTDA)

Kierkegaard, Soren. 2022. A doença para a morte (RJ: Vozes)